

# LITERATURA LITERATURE

## DA BRASA

de *Sonetos de Exu*,  
poemas inéditos

de Carlos Pittella

*Canibal tropical, qual o pau*  
*Que dá nome à nação, renasci*

LENINE

I

Há uma sociologia das palavras  
Que rege a sua multiplicação;  
Da sua fome essencial, nasceu  
A relação entre senhora e escrava

Que a poesia sempre alforriou:  
A jaula dos sentidos só destrava  
Quando a palavra-chave e o nome-aldrava  
Permitem ao patrício ser plebeu.

Quando a palavra afunda, suserana  
Da sua própria poça, em Taprobana,  
É que se pode enfim chamar vassala...

Busca na Índia algum senhor ou servo  
Que lhe desestruture a língua – e o verbo  
Do mar saliva um gosto de massala.

## II

Filhos de Deus & do Diabo, acordem  
Seus animais da velha estrebaria.  
É de coelho & lince a poesia  
Caçando as linhas entre o Caos & a Ordem.

Randômicas & sacras, nossas naus  
Naufragam & já descobrem o mesmo dia.  
É jaula & é cão uivando a alegoria  
Da lua equilibrista de Ordem & Caos.

Sou um fiapo que se desafia  
Entre os abismos mútuos que nos mordem,  
As chapeuzinhos & os seus lobos-maus...

Sou temas & improvisos, noite & dia,  
Europa & África, paz & desordem,  
Sou tanto liras quanto berimbaus.

## III

*(língua brasileira)*

Primeira flor da brasa, imunda e ufana,  
Que estetizou o estupro das Moemas,  
És para sempre a guerra dos fonemas  
Atrás da hipérbole camoniana.

Tua topografia de hiatos, tremas,  
Vem das vogais tupis – zarabatanas  
Rasgando o ar; e nas copacabanas  
Quem transfundia cafunés, poemas,

Era o bom leite-negro iorubá  
Que amoleceu as nossas consoantes,  
Até restá papá maná sinhá...

Neste melífluo mar de sangue e fel,  
Quilombos e favelas dissonantes,  
Boca do Inferno e Cidade de Deus!

#### IV

Se achares que tem gosto de jujuba,  
Que a forma do soneto é *made in China*,  
Lembra que do meu verso espreita a sina:  
Já vês talvez um olho... Espera a juba,

Que o açúcar colorau cristalizado  
Já foi a cana e a dura mão felpuda,  
Os calos e o suor que instiga a muda.

No verso habita um ser desesperado

Que até os leões selvagens afugenta.  
Se achares que um soneto é a água benta  
Parada há oito séculos na igreja,

Acorda para o sol que te arrebenta.  
A forma é jogo e não represa. Aguenta  
A boca que, se escarra, também beija.

V

Não temas uma seca-pimenteira,  
Das que te avisam sobre um mau-olhado:  
Se é natural, diz um muito-obrigado  
E planta a espada de São Jorge. Cheira,

Como um cachorro cheira, a casa ao lado,  
Manda um soneto pro vizinho. Queira  
Ou não queira, há sábias feiticeiras  
Que invejarão o teu jardim. Teu fado

Será escrever espadas de São Jorge:  
Quanto mais versos, mais espadas forjes  
Pra dar uma armadura à poesia;

Tanto mais forte quanto te desarmas,  
Que a poesia é a soma dos teus carmas,  
Manancial que nunca secaria.

## VI

Tivesses goiabeiras na favela,  
Seria a tua casa uma raiz  
Que nunca se plantou do teu país  
Desarvorado e tão confuso. É bela

A teoria da nação feliz  
Medida no tamanho do rizoma  
Pelo subsolo de árvores – e a soma  
É o tal progresso nacional. Assaz,

A tua goiabeira anela e sela  
As fendas entre o asfalto e a favela  
Com a velha vontade dos zumbis.

Logo a cidade repartida toma  
Sucos a se esguichar da mesma lama;  
Confluem os rios todos: chafariz.

**Carlos Pittella** (1983, Rio de Janeiro, RJ) é poeta e pesquisador. Publicou o poemário *Civilizações*, volume dois (Palimage, 2005), co-escreveu *Como Fernando Pessoa pode mudar a sua vida* (Tinta-da-China Brasil, 2016) e fez a edição crítica do *Fausto* de Pessoa (Tinta-da-China, 2018). Colabora regularmente com a revista *Pessoa Plural* e em eventos literários nos EUA e em Portugal. Em 2014-2015, tentou ir por terra de Portugal ao Nepal. Atualmente vive em Providence, EUA, e trabalha com arquivos no Departamento de Estudos Brasileiros e Portugueses da Brown University, sendo também afiliado ao Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. Website: carlospittella.com